

## Tradução: Dissertação sobre a liberdade<sup>15</sup>

de Étienne Bonnot de Condillac

### Apresentação

É célebre o raciocínio “Penso, logo existo”, enunciado pelo filósofo francês René Descartes (1596-1650) na quarta parte de seu *Discurso do Método*, como sendo o primeiro princípio de sua Filosofia. Além de não podermos duvidar que o sujeito que pensa existe, para Descartes a mente humana é dotada de certas ideias, impressas por Deus, que lhes são inatas. Um dos primeiros a criticar a teoria do conhecimento e o inatismo cartesiano foi o filósofo inglês John Locke (1632-1704), porém, foi seu discípulo francês Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780) quem esboçou as críticas mais radicais contra o sistema filosófico de Descartes.

Étienne Bonnot era o terceiro dos cinco filhos de uma rica família de Grenoble. Considerado limitado em suas capacidades mentais, Étienne começou a falar corretamente somente aos 11 anos. O garoto de aparência frágil e tímida logo revelou, contudo, grande aptidão para os estudos. Dedicou-se à teologia e, em 1740, recebeu o título de abade. Sua posição social permitia adicionar ao sobrenome a partícula “de”, indicadora da chamada nobreza de toga (burguesia enriquecida), seguida do nome do lugar onde ficava sua propriedade, a localidade de Condillac. Pouco interessado em seguir uma carreira eclesiástica (rezou apenas uma missa), E.B. de Condillac irá consagrar-se integralmente à investigação filosófica. Cinco anos mais velho, seu irmão Gabriel também alcançará grande prestígio na sociedade letrada do séc. XVIII, sendo conhecido como G.B. abade de Mably (1709-1785).

Em 1742, Condillac conheceu Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que na época trabalhava como tutor dos filhos de seu irmão primogênito, que morava em Lyon. Rousseau apresentou-o a Denis Diderot (1713-1784), filósofo que gozava de reputação ascendente e que, alguns anos mais tarde, será o responsável pela publicação da *Enciclopédia ou dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios*. Obra imensa (35 volumes, 78 000 verbetes, 140 colaboradores), a *Enciclopédia* será a principal tribuna para as ideias dos chamados “Filósofos das Luzes”. Condillac mudou-se então para Paris e começou a frequentar alguns Salões filosóficos, passando a conviver com a elite *savante* (intelectual) parisiense.

Suas primeiras obras filosóficas foram um *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* (1746) e um *Tratado sobre os sistemas* (1749), que lhe conferiram grande reputação entre os membros da chamada *República das Letras*. Em 1754, Condillac publicou dois

<sup>15</sup>Organização: Guilherme Augusto Guedes e Nelson Carvalho Neto. Tradução, apresentação e notas: Camila Sant’Ana Vieira Ferraz Milek, Fábio Antonio da Silva, Guilherme Augusto Guedes, Heloise Maria Muchinski, Idovino Cassol Júnior, Letícia Dalla Giacoma França, Lucio Souza Lobo, Nelson Carvalho Neto, Paula Monick Cavalli, Paula Schuartz, Rafael Pires Mello, Rafize Santos, Ronei Clécio Mocellin e Wilson de Oliveira. Sobre esta edição: a tradução foi feita a partir do original em francês *Traité des Sensations*, publicado pela Librairie Arthème Fayard em 1984.

novos trabalhos, o seu *Tratado sobre as sensações* e também o seu *Tratado sobre os animais*. Convidado para ser o preceptor do infante Dom Fernando, príncipe de Parma e neto de Luis XV (o aluno tinha 7 anos), Condillac passou a viver em Parma a partir de 1758, só retornando a Paris em 1767. Dedicou-se então à redação de um volumoso *Curso de estudos para a instrução do príncipe de Parma* (16 tomos) e também de uma obra consagrada ao estudo da economia. Seu *Comércio e governo, considerados um relativo ao outro* foi publicado em 1776, mesmo ano de publicação de *Pesquisas sobre a natureza e as causas da riqueza das Nações*, do filósofo escocês Adam Smith (1723-1790). Embora semelhantes, os sistemas econômicos de Condillac e de Smith fundavam-se, contudo, em teorias distintas sobre o valor das mercadorias. Já no final de sua vida, Condillac aceitou o convite do governo da Polônia para escrever um tratado de lógica, obra que será publicada poucos meses após sua morte, em 1780. Deixou inconclusa outra obra importante, *Linguagem do cálculo*, que aparecerá somente em 1798, juntamente com suas obras completas.

Condillac teve em Locke sua principal referência, mas isso não o impediu de discordar em pontos centrais do empirismo lockeano. Em seu *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos*, Condillac argumentou que seu principal objetivo era o estudo do entendimento humano, não para descobrir sua natureza, mas para conhecer suas operações, observar com qual arte elas se combinavam e como devemos conduzi-las, afim de adquirir toda inteligência que somos capazes. Era necessário, diz ele, remontar à origem das nossas ideias, desenvolvendo a geração, segui-las até os limites que a natureza lhe prescreve, para fixar a extensão e os limites de nossos conhecimentos, renovando, assim, a compreensão do entendimento humano.

Embora Locke recuse as ideias inatas de Descartes, ele não conectava a fatos empíricos algumas das faculdades humanas como, por exemplo, a reflexão. No *Ensaio*, Condillac preservava ainda a dualidade lockeana segundo a qual o conhecimento originava-se da sensação (corporal) e a da reflexão (mental). Para Condillac, todas as nossas ideias nasciam da percepção do mundo exterior, da atenção que fazia com que o sujeito selecionasse certas sensações, da memória, da imaginação, da necessidade e, sobretudo, de uma linguagem natural (de ação) ou artificial (de signos), que encadeava uma sequência de sensações transformadas. Será justamente uma nova filosofia da linguagem que permitirá a Condillac eliminar os resquícios de inatismo e explicar que também a reflexão tinha origem em uma sensação primeira.

Condillac irá radicalizar seu anti-inatismo em seu *Tratado sobre as sensações*, considerado sua obra-prima. Aqui, ele passa a defender que existe apenas uma fonte de nossos conhecimentos, a sensação. Para ele, mais que a necessidade, a origem de todas as ideias estava ligada a um princípio preciso: prazer/dor. O prazer ou a dor provada pelo sujeito em sua experiência no mundo gerava o desejo, que orientava, por sua vez, o sujeito em suas escolhas e o encadeamento das representações sensoriais. Outra grande novidade de Condillac era a de que, para ele, esse encadeamento se construía, não somente obedecendo a

uma organização sistemática de suas partes, mas também seguindo um método linguístico analítico. Para demonstrar o processo dinâmico do desenvolvimento de nossas operações mentais, Condillac imagina uma estátua, diz ele, “Organizada interiormente como nós, e animada de um espírito privado de toda espécie de ideias. Supomos ainda que o exterior todo de mármore não lhe permite o uso de nenhum sentido, e nós nos reservamos à liberdade de abri-los às diferentes impressões a que são suscetíveis.” Vale notar que essa estátua é uma imagem que Condillac utiliza como um recurso metodológico para estudar os sentidos separadamente e depois estudar as relações deles entre si e com a formação do conhecimento. A obra divide-se em quatro partes: a primeira trata dos sentidos que por eles mesmos não julgam os objetos exteriores; a segunda, o toque ou o único sentido que julga por ele mesmo os objetos exteriores; a terceira, de como o toque ensina os outros sentidos a julgar os objetos exteriores; a quarta, das necessidades, das ideias e da indústria de um homem isolado que goza de todos os sentidos.

O *sensualismo* condillaquiano terá enorme influência na cultura das Luzes. Em filosofia, o pensamento de Condillac será seguido de perto por Diderot, Rousseau, Jean le Rond d’Alembert (1717-1783), mas também por *materialistas* radicais como Claude-Adrien Helvétius (1715-1771) e Paul-Henri Thiery d’Holbach (1723-1789). Suas ideias terão também grande impacto entre homens de ciência, como o químico Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794) e o médico Philippe Pinel (1745-1826). Condillac também será o ícone de um importante movimento político-filosófico do final do séc. XVIII, o chamado grupo dos *Ideólogos* (estudo das ideias) que tinha em Antoine-Louis Destutt de Tracy (1754-1836) e Georges Cabanis (1757-1808) seus principais representantes.

A *Dissertação sobre a liberdade*, cuja tradução é aqui apresentada, corresponde a um apêndice do *Tratado sobre as Sensações*. A questão a resolver é a seguinte: como salvar o livre arbítrio defendido pela religião católica do aparente determinismo das sensações? Segundo Condillac, a liberdade humana também pode ser explicada através do binômio prazer/dor, pois é deste princípio que se origina a garantia de que somos livres, ou seja, a capacidade de deliberarmos.

Condillac sepulta o racionalismo inatista de Descartes dando lugar a uma teoria psicológica do conhecimento que tem nas sensações e na linguagem seus fundamentos. Com Condillac, o “Penso, logo existo” de Descartes será substituído por uma nova fórmula guia, ou seja, a máxima sensualista do “Sinto, logo existo”.

## **Dissertação sobre a liberdade**

### Prefácio

As observações sobre um homem que ainda não adquiriu nenhum tipo de hábito devem ser vistas como o começo da história do espírito humano. Parece-me que elas

destroem em princípio todos os sistemas metafísicos, os quais nascem dos preconceitos, e que elas nos dispensam de lançar o olhar sobre essa grande quantidade de opiniões que encobrem a verdade, alteram-na ou combatem-na. Para dar um exemplo sensível disso, acrescentei aqui uma **Dissertação sobre a Liberdade**. Como talvez não haja questão sobre qual não se tenha escrito tanto, nem com tanta sutileza, ela será muito apropriada para mostrar as vantagens do método que seguimos no *Tratado das Sensações*.

## Dissertação sobre a Liberdade

### 1. Suposição: a estátua não encontra qualquer obstáculo a seus desejos

Suponhamos que nossa estátua jamais encontre obstáculos a seus desejos, que jamais seja exposta a qualquer desconforto por tê-los satisfeito, e que desfrute sempre daquilo que lhe possa dar o maior prazer; nesse caso, ela não conhecerá o temor, viverá sem precauções e obedecerá sem hesitar a todas as suas inclinações.

### 2. Suposição: seus desejos estão em equilíbrio

Teria ela, ao mesmo tempo, várias necessidades igualmente urgentes? Ela tem diversos desejos que agem com igual força: nenhum deles pode se impor, ela oscila entre vários objetos e não se atém mais a um que a outro.

### 3. Suposição: seus desejos se sobrepõem uns aos outros

Mas, se houver uma circunstância que faça aguçar mais vivamente o prazer de dispor de um desses objetos, a inquietude produzida pela privação desse prazer torna-se maior. Disso nasce um desejo que encontra nos outros tanto menos resistência na medida em que lhes é superior e que, às vezes, os submete tão rapidamente que parece não encontrar nenhuma resistência.

Variemos as circunstâncias: a cada mudança uma nova necessidade dominará e a estátua irá de desejo em desejo, sem saber em qual se fixar. O gosto que ela tinha ontem por uma fruta cederá à paixão que ela tem hoje por uma outra e que amanhã não mais existirá.

### 4. Suposição: seus desejos encontram obstáculos e se expõem a desconfortos

Até aqui a estátua não teve oportunidade de deliberar. Todavia – supondo apenas aquilo que aconteceria naturalmente –, se a abandonarmos ao curso natural dos acontecimentos ela encontrará não somente obstáculos aos seus desejos, como também estará muito longe de encontrar algum prazer nos objetos que buscara; por vezes ela experimentará males inesperados.

### 5. Ela se arrepende

Numa situação semelhante, ela se lembra das circunstâncias em que foi mais feliz. Ela lembra que, ao entregar-se ao objeto que provocou seu tormento, existiam outros objetos que lhe ofereciam prazer e que, ela sabia por experiência, eram apropriados à sua felicidade. Ela julga de imediato que esteve em seu poder preferi-los, como ela já o tinha feito em outras ocasiões. A partir de então ela os lamenta e sofre não apenas pelos males que acompanham a

escolha que fez como também pela privação das vantagens que resultariam de uma escolha diferente. Ora, o sofrimento que experimentou e os lamentos que o acompanharam quando fez essa comparação, uma vez que ela julga caber somente a si uma melhor escolha, é o que denominamos, em uma só palavra, *arrependimento*.

#### 6. Ela sente que lhe importa deliberar

O arrependimento, que ela frequentemente experimenta, ensina o quanto lhe é importante deliberar antes de decidir-se.

#### 7. Ela delibera

Quando ela tem vários desejos considera-os pelos meios de satisfazê-los, pelos obstáculos a ultrapassar, pelos prazeres que desfruta e pelos sofrimentos aos quais ela pode ser exposta. Ela os compara sob cada um desses aspectos. A reflexão sustenta a balança, ou seja, ao invés de escolher o objeto que oferece o prazer mais intenso, ela escolhe aquele que lhe traz o máximo de prazer com o mínimo de sofrimento e que, excluindo toda oportunidade de arrependimento, pode contribuir à maior felicidade. Pois o motivo que leva a nossa estátua a deliberar não é o desfrutar das mais intensas sensações, mas, sim, o de fazer escolhas das quais não se lamenta depois.

#### 8. Ela resiste a seus desejos

Assim, ela não mais dá preferência ao objeto que promete as sensações mais agradáveis, como ela o fazia quando a experiência ainda não a ensinara nada acerca das consequências [de suas escolhas]. O interesse que ela tem em evitar a dor a habitua a resistir a seus desejos: ela delibera, supera às vezes suas paixões e prefere aquilo que desejara menos.

#### 9. Somente as paixões violentas lhe tiram o poder de deliberar

Mas para dar lugar à deliberação, é necessário que as paixões estejam num grau que permita a ação das faculdades da alma. Sua violência poderia ser tal, que a estátua não considera nem os meios que ela pode empregar, nem os obstáculos a ultrapassar, nem os sofrimentos aos quais ela se expõe: ela não vislumbra nada além do prazer que ela deseja e que quer desfrutar, não importa o que venha a acontecer. Ela não comparará este desejo com os outros para descobrir qual deles merece a sua preferência e, conseqüentemente, não irá deliberar.

#### 10. Em todos os outros casos, ela tem este poder sobre os conhecimentos que adquiriu

Exceto neste caso, ela sempre terá o poder de deliberar. Basta para isso supor que tenha algum conhecimento sobre os objetos dentre os quais ela deve escolher; basta que a experiência lhe tenha feito ver uma parte das vantagens e dos inconvenientes que estão ligados aos objetos.

Ora, quaisquer que sejam seus conhecimentos, nós vimos que ela sabe o suficiente para estar sujeita ao arrependimento; portanto, sabe o bastante para as ocasiões em que precise deliberar.

Suponhamos que estando num lugar onde encontra do que se nutrir sem ter nada a temer, o gosto que ela tem por um fruto a impele a passar a outro lugar onde ela corre perigo.

Ela julga que cabia somente a si permanecer onde estava, do mesmo modo que depende dela para lá retornar. Retornando a esse primeiro lugar, o desejo por esse fruto pode renascer. Então ela compara o prazer de comê-lo com o perigo ao qual é necessário se expor. Ela delibera e o desejo vencido é frequentemente o efeito dessa deliberação. Sua experiência lhe confirma então em mil ocasiões que ela pode resistir a seus desejos e que, quando ela fez uma escolha, estava em seu poder não o fazer.

#### 11. Consequentemente, a estátua tem o poder de agir e de não agir

Consequentemente não há nenhuma ação, mesmo que tomada à parte, que não possa ser considerada como passível de ocorrer e que não possa submeter a seu poder. Com efeito, quando ela está em repouso ela está organizada como quando caminhava, não lhe falta nada do que é necessário para caminhar. Do mesmo modo, quando ela está em movimento, não lhe falta nada do que é necessário para ficar em repouso. Eis o poder; ele porta duas ideias: uma, de não fazer algo, outra, que não lhe falta nada para fazê-lo.

#### 12. Portanto a estátua é livre

Desde que nossa estátua reconhece em si um tal poder, ela se reconhece livre; porque a liberdade não é mais que o poder de fazer o que não se faz ou de não fazer o que se faz.

#### 13. O poder que não é necessário à liberdade

Mas para a estátua será um absurdo imaginar que se limita a um simples poder em relação a duas ações contraditórias; que ela pode, por exemplo, no mesmo instante, querer e não querer passear e opta por não. A escolha entre essas ações é o efeito de sua liberdade; mas ela é necessariamente capaz de desejar ou não desejar, passear e não passear.

#### 14. O poder que constitui a liberdade

Não se deve questionar em geral se temos o poder de querer e de não querer, mas se é necessário questionar-se se, quando queremos, temos o poder de não querer; e se, quando não queremos, temos o poder de querer.

#### 15. O exercício deste poder supõe conhecimentos

Se não deliberamos, não escolhemos; não fazemos mais que seguir a impressão dos objetos. Em tal caso, a liberdade ainda não teria lugar.

Mas para deliberar é necessário conhecer as vantagens e os inconvenientes de obedecer a seus desejos ou a eles resistir. E a deliberação, como vimos, supõe experiência e conhecimentos. Assim, a liberdade os supõe igualmente.

Se nossa estátua, tendo uma necessidade, não conhecesse ainda mais que um único objeto próprio a sua satisfação, e não previsse nenhum inconveniente em desfrutá-lo, ela procederia não somente sem deliberar como também sem ter o poder de fazê-lo, pois não teria sobre o que deliberar. Ela não seria, portanto, livre. A experiência mostra-lhe novos objetos que podem também satisfazê-la? Ela tem nas vantagens e nos inconvenientes que aí descobre algo sobre o qual deliberar. Ela tem então tudo que é necessário para examinar se se orienta ou não às coisas que desejara anteriormente e se as quererá ou não. Ela é livre.

Os conhecimentos a libertam, então, pouco a pouco da escravidão a qual suas

necessidades pareciam a princípio submetê-la. Eles quebram as correntes que a mantinham na dependência dos objetos e lhe ensinam a não se entregar a não ser quando puder escolher, e na medida em que ela acredite encontrar sua felicidade.

#### 16. Os conhecimentos mais exatos levam a fazer melhor uso da liberdade

Mas é preciso observar que, sendo necessários à liberdade para oferecer o poder de deliberar, os conhecimentos menos exatos contribuem tanto quanto os outros.

Nós não somos, portanto, menos livres por, às vezes, ter ideias menos justas. Nossa conduta é somente menos segura. Procuremos então adquirir todos os conhecimentos necessários ao nosso estado, a fim de fazer o melhor uso possível da nossa liberdade. O próprio Deus usa tão bem a sua liberdade, pois, conhecendo tudo, Ele faz aquilo que é mais digno Dele.

#### 17. A dependência que não é contrária à liberdade

A liberdade não consiste, então, nas determinações independentes das ações dos objetos e de toda influência dos conhecimentos que nós temos adquirido. Convém que dependamos dos objetos pela inquietude que nos causa a sua privação, pois nós temos necessidades; convém ainda que nós nos regremos a partir da nossa experiência sobre a escolha daquilo que pode nos ser útil, pois é ela somente que nos instrui a esse respeito. Se nós quiséssemos uma coisa independentemente dos conhecimentos que temos dela, nós a quereríamos ainda que persuadidos de que ela possa nos causar danos; nós quereríamos nosso mal pelo nosso mal, o que é impossível.

#### 18. Em que consiste a liberdade

A liberdade consiste, então, nas determinações que, supondo sempre dependermos de alguma maneira da ação dos objetos, são uma sequência de deliberações que fizemos, ou que tivéramos o poder de fazer.

Confie a condução de um navio a um homem que não tem nenhum conhecimento de navegação. O navio será um brinquedo das ondas. Mas um piloto hábil saberá suspender, parar o curso; com o mesmo vento ele saberá variar a direção; e somente na tempestade é que o leme deixará de obedecer à sua mão. Eis a imagem do homem.

O mal-estar, na sua origem, é um leve sopro que pode tornar-se um vendaval furioso. Enquanto não conhecemos aquilo que se tem a temer, nós seguimos toda impressão, obedecendo-lhe: instruídos, ao contrário, pela experiência, nós dirigimos seus movimentos, suspendemo-los, lançamos âncora. Resta apenas às paixões violentas o poder de suprimir esse império.